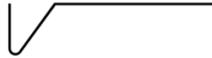


Diálogos etnográficos: sobre uma experiência didática



Alexandre Barbosa Pereira¹

Apesar da forte identificação com a antropologia, a etnografia não pode ser definida como um método próprio ou exclusivo dessa disciplina, como tem defendido, aliás, Tim Ingold (2015), ao afirmar que nem a antropologia pode ser confundida com a etnografia, nem esta última deveria ser entendida como uma etapa prévia para a construção do conhecimento antropológico. Cabe também lembrar, como demonstra Magnani (2012), que no início do século XX, a chamada Escola de Chicago já realizava pesquisas de caráter mais sociológico, contemplando a etnografia como uma das formas de aproximação e entendimento das questões urbanas. Contudo, com esse exemplo, apesar de nos deslocarmos um pouco para fora da antropologia, ainda se está no campo das Ciências Sociais e, de certa maneira, os etnógrafos de Chicago, como os denomina Hannerz (2015), foram grandes influenciadores da constituição de uma proposta de antropologia urbana.

No entanto, o que tem se destacado nos últimos tempos é a difusão da etnografia ou do fazer etnográfico por muitos campos do conhecimento e mesmo para outras áreas não acadêmicas, como as de pesquisa de mercado ou da implementação de políticas públicas. Nesses contextos, a etnografia é reduzida a uma técnica de pesquisa qualitativa, muitas vezes empobrecida e cheia de complicações éticas e epistemológicas. Considerando que há a defesa, inclusive, de a etnografia não poder ser definida nem como um método (PEIRANO, 2014), o que pensar em tão de sua redução a uma técnica? Nesse processo de difusão da etnografia como um método de pesquisa qualitativo, apesar dessa

¹ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Unifesp. Contato: abpereira@unifesp.br.

impossibilidade de associação automática entre antropologia e etnografia, muitos debates têm surgido sobre certos usos não antropológicos da etnografia como método de pesquisa qualitativo ou, o que é considerado ainda mais infame para muitos, como técnica de pesquisa qualitativa.

Algumas áreas, como a Saúde, a Comunicação e a Educação, têm recorrido à etnografia como forma de abordar os fenômenos sociais. Especificamente no campo da Educação, o enfoque etnográfico pode render pesquisas muito profícuas, como demonstra o já clássico livro de Paul Willis (1991): *Aprendendo a ser trabalhador*. As etnografias no contexto institucional das escolas, por exemplo, podem revelar aspectos da vida cotidiana que tenderiam a ser ocultados ou negligenciados numa abordagem mais macrossocial. Como discutem Charlot e Reis (2014), o desvelar de grandes questões e de desigualdades incontornáveis são importantes para a compreensão dos fenômenos sociais, mas, afirmam os autores, se, por um lado, vislumbra-se uma grande lucidez crítica a respeito da reprodução das desigualdades sociais nos contextos educacionais, haveria, por outro lado, um grande impasse no trabalho cotidiano do educador. Afinal, se tudo é reprodução de desigualdades, haveria algo mais a ser feito?

Em impasses como esse é que a etnografia pode despontar para criar nuances e apontar as complexidades da realidade cotidiana, revelando que há outros processos ocorrendo ao mesmo tempo em que as grandes desigualdades se processam, ainda que em microprocessos que se desenrolam no dia a dia. A etnografia, portanto, de maneira similar ao que afirma Alain Coulon (2017) em discussão sobre a etnometodologia, contribui para abrir a caixa-preta desses macroprocessos, apontando para os papéis que as instituições desempenham, mas também para as respostas que os próprios atores dão, em conformidade ou resistência, às imposições institucionais. Nesse sentido, para ficar ainda na referência ao campo da educação, tenho insistido que é preciso ampliar os diálogos. As Ciências Sociais têm de se aproximar mais da realidade cotidiana de instituições como a escola. No entanto, é importante que pesquisadores de outras áreas, por sua vez, também se interessem seriamente pela etnografia, adotando não apenas como uma técnica de pesquisa, mas como uma orientação epistemológica, que traz implicações profundas para o modo de se pensar o conhecimento (PEREIRA, 2017).

Essas e muitas outras questões pautaram o curso: *Etnografias e teoria etnográfica*, que ministrei como Unidade Curricular do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da

Universidade Federal de São Paulo. O objetivo principal era discutir a etnografia como uma modalidade de pesquisa qualitativa no campo das Ciências Sociais, mas também como um caminho teórico para a reflexão e organização de saberes. O intuito foi o de debater as controvérsias em torno do fazer etnográfico, a partir de diferentes contextos de pesquisa e linhas teóricas. Nesse sentido, transitamos por uma série de questões importantes para se refletir sobre a etnografia como uma forma de produção de conhecimento.

Dessa maneira, a proposta do curso foi a de discutir a etnografia e suas controvérsias, levantando as disputas de definições, entre técnica, método ou mesmo como teoria. Abordou-se, assim, a etnografia em sua relação com a antropologia, mas indo além, na medida em que, por um lado, tentou-se escapar de sua representação como uma etapa da pesquisa antropológica, e, por outro lado, também houve o cuidado de não a reduzir a uma mera técnica de coleta de dados. Transitamos, assim, por muitas perspectivas, das mais conceituais às aplicadas, e por diversificados contextos, da visão mais tradicional e clássica às perspectivas modernas, pós-modernas e pós-sociais. Houve discussões sobre o próprio fazer etnográfico e as especificidades da pesquisa qualitativa, mas também foram objeto de reflexão as etnografias de sociedades não ocidentais, urbanas, políticas, multissituadas, do Estado e do capitalismo, entre outras. O que se tentou foi problematizar como a teoria articula-se com a pesquisa empírica em cada um desses casos, influenciando-se e modificando-se mutuamente.

O curso dividiu-se em duas partes. Em um primeiro momento, buscou-se apresentar e discutir algumas possibilidades de se compreender o fazer etnográfico, das mais clássicas às mais críticas, abordando suas controvérsias e indagando, inclusive, se é possível pensar em uma teoria etnográfica. Na segunda parte, os trabalhos aconteceram a partir da leitura, apresentação e debate de etnografias ou de textos que tomassem uma ou mais pesquisas etnográficas como centro de sua reflexão. Desse modo, questões como a ética de pesquisadores em campo, relações de poder, bem como a interação entre os aspectos macro e micro, entre objetividade e subjetividade ou entre o quantitativo e o qualitativo pautaram, em grande medida, as discussões.

O desfecho do curso consistiu, como tradicionalmente tende a acontecer, na entrega dos trabalhos finais: ensaios etnográficos sobre a própria experiência de pesquisa e, principalmente, resenhas sobre trabalhos etnográficos que dialogassem com a própria pesquisa realizada no âmbito do mestrado em Ciências Sociais do PPGCS da Unifesp. O

que apresentamos aqui, portanto, é uma parte desse ponto, que certamente não é o final, mas sim a partida para as reflexões pessoais que cada pesquisadora e pesquisador tem feito e que será agora compartilhada por intermédio da *Pensata*, a quem agradecemos pelo espaço concedido. Com isso, um dos recados que queremos transmitir é o de que o trabalho etnográfico começa com a leitura e o estudo de pesquisas etnográficas.

O que apresentamos a seguir, portanto, é um conjunto de resenhas sobre trabalhos etnográficos realizadas no âmbito dessa UC, com os seguintes temas de investigação: a subjetividade e todos os dilemas de uma pesquisadora que realizou uma etnografia sobre o PCC, em resenha de Wesley Santos; um conjunto de ensaios e etnografias sobre a torcida organizada de futebol Gaviões da Fiel, em resenha de Marianna Andrade; a forma como os Guarani e Kaiowá atribuem sentidos ao corpo, à morte e ao território em um contexto de violência promovida pelo agronegócio, em resenha de Caetano Tola; o trabalho etnográfico com material documental do Instituto Médico Legal do Rio de Janeiro referente ao processo de identificação de corpos vitimados pela violência, em resenha de Ingrid Possari Cia.

Além disso, há dois ensaios reflexivos que tratam de determinados aspectos da experiência etnográfica. Em um deles, aborda-se a importância de se colocar em jogo a subjetividade do pesquisador. A partir de uma investigação etnográfica sobre a cena *emocore* paulistana, Eduardo Fernandes aciona a sua própria biografia como elemento para refletir sua posição em campo e na academia. Felipe Figueiredo, por sua vez, com base em sua trajetória acadêmica e inspirado nas reflexões de Tim Ingold sobre a relação entre antropologia e etnografia, provoca-nos a pensar a importância do conhecimento etnográfico para a própria formação de cientistas sociais e antropólogos. Assim, Figueiredo leva-nos a buscar uma formação que separe menos ensino e pesquisa, ou teoria e prática, permitindo, assim, a construção de uma educação, digamos, mais etnográfica.

O que apresentamos aqui, portanto, é um pequeno exercício que aponta para as muitas possibilidades de se pensar a pesquisa e reflexão etnográfica nos mais diferentes contextos. Certamente, ninguém sairá da leitura desse conjunto de textos com uma definição do que é etnografia, mas sim com muitas questões sobre as dificuldades e potencialidades de se aventurar pela etnografia, como prática e teoria. Se assim for, nossos objetivos foram alcançados.

Referências

CHARLOT, Bernard; REIS, Rosemeire. As relações com os estudos de alunos brasileiros de ensino médio. In: KRAWCZYK, Nora (Org.). *Sociologia do Ensino Médio: crítica ao economicismo na política educacional*. São Paulo: Cortez, 2014.

COULON, Alain. *Etnometodologia e Educação*. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

HANNERZ, Ulf. “Etnógrafos de Chicago”. In: *Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015.

Alegre: Artes Médicas, 1991.

MAGNANI, José Guilherme. *Da periferia ao centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

PEIRANO, Mariza. “Etnografia não é método”. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. “Do controverso “chão da escola” às controvérsias da etnografia: aproximações entre antropologia e educação”. *Horizontes Antropológicos*, 2017, vol.23, n.49, pp.149-176.

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: escola, resistência e reprodução social*. Porto